

## O SOFRIMENTO HUMANO E A FÉ CRISTÃ NO PENSAMENTO KIERKEGAARDIANO: UM DIÁLOGO ENTRE PSICOLOGIA E FILOSOFIA

### HUMAN SUFFERING AND CHRISTIAN FAITH IN KIERKEGAARDIAN THOUGHT: A DIALOGUE BETWEEN PSYCHOLOGY AND PHILOSOPHY

Adenilton Moisés da Silva<sup>1</sup>

#### Resumo

A partir da pergunta por que o ser humano sofre ou peca, e utilizando-se de uma linguagem kierkegaardiana contidas nas obras *A Doença para a Morte* e *O Conceito de Angústia*, são possíveis explicações para entender o sofrimento humano, sobretudo a partir da má-relação que esse estabelece no seu modo de existir, o qual provoca sempre uma inconformidade existencial. Trabalhando com os conceitos de angústia, desespero e seus correlatos, como liberdade, tornar-se si mesmo, salto qualitativo, decisão, indivíduo, etc., este artigo se propõe, por meio das leituras que têm como fundamento o método dialético-existencial proposto pela antropologia filosófica de Kierkegaard, apresentar possíveis implicações que ajudem a compreender o sofrimento humano enquanto uma realidade paradoxal. Ao mesmo tempo, pretende demonstrar que as obras do autor dinamarquês é uma proposição para edificar e despertar o sujeito para a constituição do seu *self*, isto é, de si mesmo, requerendo esforço, decisão e bom uso da liberdade mediante as possibilidades que lhe são apresentadas. A decisão diante da liberdade e o uso correto dessa mesma liberdade são condições para uma boa relação e afirmação da existência, quando esta, na seriedade, reduplica-se, chegando à síntese por meio da correta relação com os termos da polaridade (finito e infinito, necessidade e possibilidade, eterno e temporal) que constituem sua vida concreta.

**Palavras-chave:** angústia; desespero; decisão, má-relação; síntese.

#### Abstract

Based on the question why do human beings suffer or sin, and using a Kierkegaardian language contained in the works *The Sickness to Death* and *The Concept of Anguish*, explanations are possible to understand human suffering, especially from evil. relationship that this establishes in its way of existing, which always causes an existential nonconformity. Working with the concepts of anguish, despair and their correlates, such as freedom, becoming oneself, qualitative leap, decision, individual, etc., this article proposes, through readings that are based on the proposed dialectical-existential method through Kierkegaard's philosophical anthropology, present possible implications that help to understand human suffering as a paradoxical reality. At the same time, it intends to demonstrate that the danish author's works are a proposition to edify and awaken the subject to the constitution of his self, that is, of himself, requiring effort, decision and good use of freedom through the possibilities that are available to him. presented. The decision regarding freedom and the correct use of this same freedom are conditions for a good relationship and affirmation of existence, when this, in seriousness, redoubles itself, reaching synthesis through the correct relationship with the terms of polarity (finite and infinite , necessity and possibility, eternal and temporal) that constitute his concrete life.

**Keywords:** anguish; despair; decision, bad relationship; synthesis.

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Licenciado em Filosofia pela Instituto Salesiano de Filosofia. Email: adenilton.silva80@gmail.com.

## Introdução

O presente artigo busca abordar o tema do sofrimento humano a partir da análise das obras: *A Doença para a Morte* (1849) e *O Conceito de Angústia* (1844). Textos basilares do pensamento kierkegaardiano, sobretudo por sua referência à constituição do eu, isto é, do *self*. Leva-se em consideração, para uma melhor compreensão do tema proposto, como pano de fundo, a ideia de cristianismo abordada pelo autor, uma vez que o conceito do “eu”, isto é, do “si-mesmo” edificado, é de fundamental importância para uma prática/vivência de um autêntico cristianismo, isto porque entra em evidência outro conceito chave para Kierkegaard, a “seriedade”. O autor compreende o cristianismo como interioridade. “O cristianismo é espírito, espírito é interioridade, interioridade é subjetividade; subjetividade é essencialmente paixão, e, em seu máximo, paixão infinita e pessoalmente interessada na felicidade eterna” (Kierkegaard, 2013, p. 38). Pois, só com a seriedade com que o cristianismo compreende o ser humano lhe é possível, na mesma seriedade, superar o desespero e a angústia por meio da fé no poder que o estabeleceu como um si-mesmo.

Todo conhecer cristão, por mais perigosa que seja sua forma, tem que ser preocupado, mas essa rigorosa preocupação é justamente o edificante. A preocupação é a relação para como a vida, para com a realidade da personalidade, e, portanto, no sentido cristão, é a seriedade [...]. Mas a seriedade é, por sua vez, o edificante (Kierkegaard, 2022a, p. 32).

Nota-se, já no prefácio da obra *A Doença para a Morte*, que o editor justifica o escrito como uma obra para a edificação, a qual é possível pela categoria da seriedade. Essa dialética entre edificação-seriedade contrapõe-se com a corrente de pensamento idealista da época, cunhada na abstração-especulação. A obra *A Doença para a Morte* foi publicada pelo autor em 1849, com o pseudônimo Anti-Climacus, autor também de *Práticas do Cristianismo*, de 1850. Essa mesma obra, tem o próprio Kierkegaard como editor. Trata-se de “uma exposição psicológico-cristã para edificação e despertar”. Já *O Conceito de Angústia e Migalhas Filosóficas*, ambas publicadas em 1844 pelos pseudônimos Vigilius Haufniensis (Vigia de Copenhague) e João Clímacus, trabalham conceitos como pecado, angústia, liberdade e história, ao mesmo tempo em que correlacionam temas como o da graça, paradoxo, encarnação e escândalo.

## 1 – Um diálogo entre psicologia e filosofia

O tema da obra *A Doença para a Morte* não visa a um discurso sobre o desespero em si, mas busca tratar do processo de edificação e despertar do indivíduo<sup>2</sup>, a fim de que, interrogando sua existência em si mesma à moda socrática, quer dizer, pelo processo maiêutico, a ironia como antídoto ao que está estabelecido como normatividade social, seja capaz de decidir por sua autêntica existência. Em contrapartida, o sentido da obra está em descrever o processo de tornar-se si mesmo na edificação. O problema da edificação não é novo no pensamento kierkegaardiano, mas uma ideia capital que marca as suas obras desde o início, como pode ser observado nos vários *Discursos edificantes*, publicados a partir de 1843, e que segue pelo desenvolvimento de toda a literatura. Essa edificação é possível pela vivência do autêntico cristianismo, o que confere à obra um cunho cristológico, em conformidade com a antropologia filosófica cristã apresentada e assumida por Kierkegaard.

O heroísmo cristão, que em verdade talvez seja visto raramente, consiste em arriscar completamente tornar-se si mesmo, um ser humano individual, este ser humano individual específico, completamente só diante de Deus, sozinho nesse enorme esforço e nessa enorme responsabilidade; mas não é heroísmo cristão deixar-se iludir com a ideia abstrata de ser humano, ou jogar com o jogo da admiração com a história do mundo (Kierkegaard, 2022a, p. 31).

Posta essa problematização existencial, da necessidade de tornar-se si mesmo, a constituição da obra parte da afirmativa de que a doença para a morte é o desespero. “O desespero é entendido como a doença, não como o remédio” (Kierkegaard, 2022a, p. 33). O editor explica essa afirmação de forma dialética, que pode parecer contraditória, uma vez que o efeito do desespero é justamente uma dialética existencial inquietante para a edificação do eu mesmo. Segundo Kierkegaard, “a cura está em morrer, em morrer para” (2022a, p. 33). Esta afirmativa está em correlação com o pensamento cristão, porque segundo esse pensamento, a vida está em “morrer para” o pecado. Portanto, essa doença, na sua dialética, não é para a morte, porque ela não é remédio, mas doença, desse modo, para a edificação e despertar. Nesse sentido, está a compreensão cristã de que Cristo existe. Ele é a condição para a vida plena como superação do desespero, pois o desespero é, concomitantemente, morrer a morte sem morrer de fato.

---

<sup>2</sup> Talvez a muitos a forma desta “exposição” possa parecer estranha; parecerá rigorosa demais para poder ser edificante, e edificante demais para poder ser rigorosamente científica (Kierkegaard, 2022, p. 31). O próprio editor assume que a obra tem um caráter edificante. O tema da edificação é um conceito importante no pensamento kierkegaardiano quando levamos em consideração seus “Discursos Edificantes”, onde ele versa sobre temas que abordam o cristianismo como um problema existencial e o indivíduo como um problema ligado diretamente ao ser-cristão.

O ponto inicial da análise desse texto é a conceituação do ser humano como síntese de infinitude e de finitude e seus correlatos.

O ser humano é espírito. Mas o que é espírito? Espírito é o si mesmo. Mas o que é o si mesmo? O si mesmo é uma relação que se relaciona consigo mesma, ou consiste no seguinte: que, na relação, a relação se relacione consigo mesma; o si mesmo não é a relação, mas que a relação se relacione consigo mesma. O ser humano é uma síntese de infinitude e de finitude, do temporal e do eterno, de liberdade e de necessidade, em suma, uma síntese. Uma síntese é uma relação entre dois termos. Assim considerado o ser humano ainda não é um si mesmo (Kierkegaard, 2022a, p. 43).

A partir dessa investigação, o autor afirma que a “má-relação” dessa síntese constitui o desespero, capaz de assumir as diversas formas existenciais. A má-relação é causa que impossibilita a efetivação do si mesmo. Segundo Kierkegaard, quando a relação não se relaciona consigo mesma na relação tem-se “um reflexo invertido do interior” (2022a, p. 44), pois o indivíduo encontra-se numa má-relação. Seguindo essa investigação, mediante sua antropologia filosófica, o autor dinamarquês compreende que o tornar-se si-mesmo, esse processo de edificação, contudo, só pode ser bem efetivado a partir de um bom diagnóstico da situação que o impede de se realizar, ou seja, o desespero. Como esclarece Anti-Climacus: “Pois um médico não deve apenas prescrever remédios, mas, antes de mais nada, reconhecer a doença” (Kierkegaard, 2022a, p. 54). O desespero é instaurado, afirma Kierkegaard, quando o sujeito efetiva a síntese que o constitui ao estabelecer uma má-relação, quer dizer, efetiva a síntese relacionando-se a um dos polos em detrimento do outro (que lhe é igualmente constitutivo). Diante dessa afirmativa pode-se citar três formas de desespero: não ser consciente de ter um si mesmo, não querer ser si mesmo, querer ser si mesmo. Mas não iremos, aqui, discorrer aqui sobre essas três condições de desespero.

Se o ponto de partida do desenvolvimento de *A Doença para a Morte* é sua definição de ser humano como síntese de infinitude e de finitude, do eterno e do temporal, de possibilidade e necessidade (ou liberdade e necessidade), então, ressalta-se que a liberdade é a relação devidamente estabelecida entre a possibilidade e a necessidade. A “má-relação” é o reflexo invertido do interior, ou seja, a possibilidade como liberdade é tratada de modo cômico e sem a seriedade posta pelo cristianismo, que vem ser o irônico diante da sociedade estabelecida como normatividade, como padrão.

O entendimento do ser humano como síntese na relação, como está posto em *A Doença para a Morte*, já fora, anteriormente, elaborado em *O Conceito de Angústia*, onde o pseudônimo Vigilius Haufniensi assegura que “o homem é uma síntese do psíquico e do corpóreo. Entretanto, a síntese é inconcebível quando os dois termos não se põem de acordo com um

terceiro. Este terceiro termo é o espírito” (Kierkegaard, 2022b, p. 46). O espírito precisa ser despertado, isto é, sair da inocência, que pode ser o mesmo que sair da ignorância de se ter um si mesmo. Isso se traduz na afirmação de que o que angustia é a possibilidade da liberdade.

A partir dessa conceituação, pode-se dizer *a priori* que Kierkegaard não reflete sobre a ideia do ser humano como um aglomerado de diferentes sínteses, mas como uma síntese que pode ser vivida, isto é, experimentada e analisada sob diferentes óticas. Nessa análise, está óbvio que o ser humano é concebido essencialmente como relação; portanto, é a partir dessa ideia central que Kierkegaard descreverá os fenômenos da angústia e do desespero, fundamentais em sua “psicologia”.

O tema abordado na obra “*O Conceito de Angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*”, propõe-se a esclarecer psicologicamente o conceito de angústia, utilizando-se para isso do personagem bíblico de Adão<sup>3</sup> (o homem); para refletir conceitos relevantes ao pensamento kierkegaardiano, como a dialética da responsabilidade do indivíduo e da herança do mal no gênero humano<sup>4</sup>. Assim refletindo, a obra trata “da liberdade humana”<sup>5</sup>. Essa obra tem uma narrativa filosófica, ainda que verse sobre a figura de Adão e da possibilidade do pecado, não se propõe a uma abordagem dogmática, pois se inscreve na categoria da Psicologia<sup>6</sup>.

O livro sobre o conceito de angústia é filosófico e, embora fale profusamente de Adão e (da possibilidade) de pecado, não quer ser um tratado de Dogmática, pois se inscreve na “Psicologia”, entendida nos tempos de Hegel e de Rosenkranz como parte da doutrina dialética do espírito subjetivo (Valls *in* Kierkegaard, 2022b, p. 171).

Também não pode ser definido como um livro de Ética nem de Dogmática, por mais que utilize o conceito de pecado para a busca da autonomia humana, eventualmente transgressora. Portanto, suas análises primeiras estão centradas no conceito de liberdade humana, que se orienta sobre sua possibilidade ideal, manifestada pelas categorizações transcendentais e de temporalidade, no âmbito da filosofia. Ao ser catalogada como uma obra

<sup>3</sup> Pode-se conjecturar a figura de Adão como significação do homem universal, uma vez que a imagem tem uma abrangência coletiva, que representa o homem em sua universalidade, segundo a compreensão bíblica. Trata-se na verdade de um conceito em vez de uma nomeação singular de um indivíduo com nome próprio.

<sup>4</sup>Valls *in* Kierkegaard, 2010, p. 174. Embora a experiência única a cada vez, o pecado preexiste ao meu pecado, pelo qual introduzo o pecado no mundo. A afirmação da hereditariedade do pecado nos faz refletir sobre a historicidade do gênero humano [...].

<sup>5</sup> Valls *in* Kierkegaard, 2010, p. 174.

<sup>6</sup> Kierkegaard, 2022b, p. 25. Compreendido corretamente, a psicologia, no contexto da abordagem kierkegaardiana, era a doutrina do espírito subjetivo.

de filosofia, o livro é apresentado com um método dialético-existencial, que perpassa toda a obra nas mais diversas explicações sobre o desenvolvimento da angústia e da sua cura, como também na constituição do si mesmo. Esse método dialético-existencial é chave de compreensão para a interpretação da síntese na relação diante do poder que a estabeleceu.

Na introdução, a noção de uma Segunda Ética, baseada na Dogmática e não na Metafísica, define-se como uma obra de Psicologia – hoje diríamos Antropologia Filosófica, não fossem as críticas de Heidegger à expressão. Ou deveríamos denominá-la uma “analítica da existência”, caso a analítica não excluísse a dialética? (Valls *in* Kierkegaard, 2022b, p. 171).

Partindo desse pressuposto da obra, sua abordagem “psicológica”, deve-se ressaltar que a mesma não busca aprofundar seu interesse em afirmar a realidade do pecado, mas antes apresentar uma análise sobre sua possibilidade ideal, conceitual; ou seja, por que o ser humano peca? Isto é, as consequências do pecado na vida concreta. A ideia de pecado presente tanto em *A Doença para a Morte* como em *O Conceito de Angústia*<sup>7</sup>, está vinculada ao desdobramento das ideias de desespero e angústia e suas respectivas significações; por isso, outros conceitos como si-mesmo, indivíduo, liberdade, fé, existência etc, são igualmente dependentes e convergem dialeticamente entre si, de tal forma que o processo de edificação é efetuado mediante a seriedade estabelecida pela correta relação desses conceitos e suas proposições filosóficas.

Kierkegaard analisa, a partir do pressuposto de que o fato de nascermos humanos não nos torna indivíduo no sentido filosófico que atribui ao termo, como de fato o ser humano torna-se si-mesmo. Esse exercício existencial que acontece mediante a relação do ser natural e do ser espiritual desdobra-se no que o autor chama de “reduplicação”: liberdade. Esse conceito de reduplicação está designado na obra *Práticas do Cristianismo*, onde há a interrogação que está presente em *A Doença para a Morte*.

Na obra *Práticas do Cristianismo*, o pseudônimo Anti-Climacus retoma a interrogação de *A Doença para a Morte*, sobre o fundamento do eu:

E o que é, então, ser um eu? É para ser uma reduplicação [Fordoblelse]. Portanto, nessa relação, significa verdadeiramente atrair uma duplicidade [Dobbeltherd] para si mesmo. O ímã atrai o ferro para si, mas o ferro não é um eu; nesta relação, portanto, atrair para si mesmo é uma unidade. Mas um eu é uma reduplicação, é liberdade; portanto, nessa relação, atrair verdadeiramente para si mesmo significa propor uma

---

<sup>7</sup> Jonas Roos compreende que *A doença para a morte* constitui uma obra completa em si mesma, especialmente pelo modo como estabelece a dialética entre doença e cura na existência humana, porém, vários desenvolvimentos de *O Conceito de Angústia* ajudam a compreender muito do que está em questão na obra de 1849. As duas obras se complementam, tornando mais compreensível o método dialético-existencial do pensamento kierkegaardiano.

escolha. Com relação ao ferro quando é atraído, não há dúvida e não pode haver escolha. Mas um eu pode verdadeiramente atrair outro eu a si mesmo apenas por meio de uma escolha – portanto, atrair verdadeiramente a si mesmo é um composto (Kierkegaard, 2021, p. 147).

Cada ser humano precisa realizar, efetivar a síntese que o constitui. Essa síntese acontece no exercício dessa reduplicação, da liberdade, da escolha, da decisão. A natureza (finitude) e a psiquê (infinitude) se reduplicam no exercício da liberdade, que deve conduzir a uma decisão. “A escolha, ela própria, é decisiva para o conteúdo da personalidade; através da escolha, ela fica imersa no que é escolhido, e quando não escolhe, atrofia e definha” (Kierkegaard, 2017, p. 174). Deve-se recordar que a efetivação da personalidade acontece no encontro com a verdade, isto é, o Cristo, que atrai numa duplicação: o eu para si mesmo e o si mesmo para Si, quando se dá o arrependimento<sup>8</sup>.

A antropologia de Kierkegaard, fundamenta-se na antropologia cristã (espírito, alma e corpo)<sup>9</sup>, diz-nos que o fato de sermos uma síntese é o que nos caracteriza como espírito<sup>10</sup>. “O espírito está, pois, presente, mas como espírito imediato, como sonhando” (Kierkegaard, 2022b, p. 47). Jonas Roos usa, com certa cautela, a expressão espírito “em potência” para se referir ao espírito imediato, como que sonhando. Nesse estado o espírito projeta a sua realidade efetiva. O problema dessa projeção é que o espírito precisa tomar a decisão diante da possibilidade da liberdade. Mas isso é apenas possível pelo “salto qualitativo”<sup>11</sup>, o que não é uma garantia sistemática, pois não procede do acúmulo de certezas, tem apenas o nada como objeto que exige o exercício da liberdade, pois não se trata de um salto quantitativo, uma vez que esse não garante uma nova realidade, apenas a somatória das probabilidades quando averiguadas.

O conceito de angústia trabalhado por Kierkegaard pode ser compreendido no campo da possibilidade, quer dizer, há um algo por vir que lhe é desconhecido, indeterminado e, nesse sentido, apresenta-se como um nada. Até pode-se dizer de um nada edificante e despertador.

<sup>8</sup> Kierkegaard, 2021, p. 147.

<sup>9</sup> Cf. 1 Ts 5,23.

<sup>10</sup> O espírito é o espírito humano, é o estabelecimento da síntese na correta relação, isto é, tornar-se espírito é tornar-se, real em concreto, um processo que funda a existência, recolocando os elementos polares na correta relação.

<sup>11</sup> Para uma melhor explicação do conceito: salto qualitativo, começamos por afirmar que a pecaminosidade é uma realidade quantitativa, pois é uma consequência de o pecado ter sido posto no mundo por um Adão (homem). O pecado refere-se à queda de Adão, que acontece pelo salto qualitativo, quando passa da inocência, isto é, da ignorância para o conhecimento do bem e do mal. Quando esse conhecimento é posto, sem mediações quantitativas, a liberdade exige uma decisão, na qual a angústia está presente como uma “ambiguidade psicológica. A angústia é uma antipatia simpática e uma simpatia antipática” (Kierkegaard, 2022b, p. 46). Em outras palavras, ao mesmo tempo que ela atrai, ela repulsa, ela repele. Uma espécie como o mito grego de Medusa, sua “beleza” atrai ao mesmo tempo que petrifica a realidade, tornando-a incapaz de decidir algo. Mas o salto qualitativo é justamente o indeterminado quantitativamente, é sempre a decisão sem mediações que exige apenas a liberdade diante de um objeto que é o nada como garantia.

Todavia, o nada como vazio, traz uma sensação de indefinição, uma certa ambiguidade caracterizada mediante uma nova possibilidade que se lhe apresenta como desconhecida, que tende a tornar a realidade uma insegurança existencial, sem garantias, sem respaldos, apenas a decisão pela decisão diante da possibilidade. Portanto, angústia é o nada diante da possibilidade.

Está expresso por Virgilius Haufniensis, o que angústia, a rigor, não é a realidade, mas a possibilidade diante da liberdade que exige uma decisão, a qual é estabelecida pelo salto qualitativo. A angústia é a vertigem diante da possibilidade. Segundo Virgilius Haufniensis: “a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para a própria liberdade”, e então agarra a finitude para nela afirmar-se. Nesta vertigem a liberdade desfalece” (Kierkegaard, 2022b, p.66).

O fato de a possibilidade ser um objeto desconhecido, como foi dito, constitui o grande dilema envolvido na angústia, o de termos de nos relacionar com algo informe, algo como um medo sem objeto qualificado, e de termos de decidir a existência precisamente no horizonte dessa relação. Resta apenas a vertigem oriunda dessa liberdade diante da possibilidade de ser capaz de.

É preciso notar que a angústia provoca em si a ambiguidade de simultaneidade: atrair e repelir, de ser uma “antipatia simpática e uma simpatia antipática”<sup>12</sup>, pois nos sentimos ao mesmo tempo atraídos e repelidos pelo abismo – vazio, nada – de nossa possibilidade, ainda assim, quando a angústia se intensifica o que ela faz é aproximar o sujeito de uma decisão. Portanto, essa ambiguidade de simultaneidade, atração e repulsa é o movimento dialético que torna a angústia sempre um nada transcendente às categorias lógicas de qualquer sistema que queira explicar o fenômeno como algo externo. Apenas são feitas aproximações sobre a condição da angústia. Assim, pode-se afirmar, a angústia não determina qualquer decisão, apenas aproxima o indivíduo, dando-lhe a experiência da liberdade diante da possibilidade de efetuar o salto.

Deve-se notar, em Kierkegaard, como funciona o que chamamos de diferenças qualitativa e quantitativa. A diferença qualitativa pode ser explicada usando as situações existenciais, como a diferença qualitativa entre ser inocente ou ser culpado, por exemplo. Por isso, a angústia não é uma condição quantitativa, não gera uma nova qualidade, pois não se trata de um acúmulo ou somatório de experiências, como se a pecaminosidade gerasse algo novo. O

---

<sup>12</sup>Se quisermos considerar as determinações dialéticas da angústia, mostrar-se-á que esta justamente possui a ambiguidade psicológica. A angústia é uma antipatia simpática e uma simpatia antipática. Vê-se facilmente, penso eu, que esta é uma determinação psicológica no sentido inteiramente diferente daquela da *concupiscentia*. A linguagem usual o confirma inteiramente, pois dizemos: a doce angústia, a doce ansiedade, e dizemos: uma angústia estranha, uma angústia tímida, etc (Kierkegaard, 2022b, p. 46).

novo está em cada pecado cometido sempre e unicamente por cada indivíduo singular. O que opera uma mudança qualitativa na existência é a possibilidade do salto, que não tem mediação, conexões lógicas e gradações que levassem o si mesmo<sup>13</sup> a uma decisão. Portanto, o salto está para além das mediações ou conexões lógicas. O sentido é que não se tenha nenhuma garantia ou certeza plausível, a não ser lançar-se no campo das possibilidades existenciais, mas isso somente é possível mediante o salto da fé<sup>14</sup>. Quanto mais a angústia se intensifica, mais devemos nos convencer que, em se tratando de questões existenciais, não temos garantias racionais ou metodológicas que expliquem a possibilidade de uma decisão. A decisão, assim como a angústia, surge como de um salto interior, dada a condição ontológica. O si mesmo se angustia diante da possibilidade de efetivar suas possibilidades.

A consequência dessa impossibilidade de se estabelecer por meio das conexões lógicas a existência perante a liberdade é que para as questões de cunho existenciais não há opção senão efetuar o salto que deve se dar para além das mediações lógicas. Com isso, Kierkegaard não afirma, de modo algum, que o conhecimento e as mediações sejam condições insignificantes; apenas deve-se reconhecer, por motivos filosóficos, que elas são insuficientes para as tomadas de decisões existenciais.

A angústia não constitui um algo que aumenta e diminui quantitativamente, capaz de gerar uma qualidade nova para as situações existenciais, como também o desespero não gera uma diferença qualitativa; caso esse algo fosse dado em seu contrário, ter-se-ia um algo de ruptura de si-mesmo para consigo mesmo e para com o poder que o estabeleceu<sup>15</sup>. Portanto, não se pode ter uma inversão nem da angústia nem do desespero, pois aquela lida com a liberdade diante do nada, isto é, da possibilidade e do salto, o desespero é o pecado, a escolha na relação em função da síntese, ou dizendo de outra forma, é a má-relação da síntese, por isso, afirma-se que a angústia é ontológica, o desespero é consequência da má-relação. Assim, a angústia não é causa do desespero, de modo algum, apenas ela aproxima o indivíduo de uma decisão, que pode ser ou não ser pelo desespero. Fica entendido que a angústia não pode gerar o desespero, uma vez que ela não pode gerar uma nova qualidade existencial, apenas pelo salto que é incognoscível, para além das explicações e garantias racionais, pode-se falar do desespero.

---

<sup>13</sup> O “si mesmo” sem hífen está na condição de ser ainda em processo inacabado de qualificação. O “si-mesmo” está nessa grafia, caracterizado como substantivo, efetuado na relação a síntese existencial.

<sup>14</sup> O salto qualitativo ou o salto da fé tem nesse artigo o mesmo sentido filosófico, algo paradoxal que não se pode explicar logicamente mediante argumentos plausíveis.

<sup>15</sup>Esta é, pois a fórmula que descreve o estado do si-mesmo quando o desespero é completamente extirpado: ao relacionar-se a si mesmo e ao querer ser si mesmo, o si-mesmo se funda transparentemente no poder que o estabeleceu (Kierkegaard, 2022a, p. 45).

Jonas Roos explica que à medida que a angústia é compreendida como a vertigem que a síntese experimenta diante da possibilidade, ela é algo intrínseco ao ser humano e, de tal modo, pode muito bem coexistir com a inocência. No cenário dessa análise, Roos afirma que a angústia não possui em si nenhum conteúdo moral que pudesse conduzir ao desespero, gerar o desespero, não, ela aproxima a decisão. Uma decisão pelo desespero é algo inexplicável. O desespero não é ontológico, como o é a angústia. Uma vez que o salto em si é inexplicável por categorias lógicas, motivo pelo qual surge o desespero, então, Kierkegaard define o desespero como sendo pecado. O mesmo não vale para a angústia, uma vez que ela é a liberdade diante do nada. Tais conceitos, pecado e angústia, estão relacionados ao âmbito da responsabilidade do indivíduo.

Uma vez que ambos os conceitos estão relacionados ao âmbito da responsabilidade do indivíduo, compreende-se que o desespero quando é causa da perda de si mesmo é consequência, sempre e irrevogavelmente, da responsabilidade do próprio ser humano. Portanto, o desespero não tem um algo determinado, necessário que leve o si-mesmo ao pecado, não é a liberdade como relação, mas na liberdade diante das possibilidades estabelecer uma má-relação, tornando difícil a relação que terá como consequência um desajuste na síntese que não foi bem estabelecida. O desespero deve ser compreendido como perda de si-mesmo, como afastamento da capacidade de viver o concreto da existência.

Desespero é a má relação na relação de uma síntese que se relaciona consigo mesma. Mas a síntese não é a má-relação, ela é apenas a possibilidade, ou, na síntese está a possibilidade da má-relação. Se a síntese fosse a má-relação, então o desespero absolutamente não existiria, então o desespero seria algo que estaria na natureza humana como tal, ou seja, não seria desespero; ele seria algo que acontece à pessoa, algo que ela sofreu, como uma doença da qual a pessoa foi acometida, ou como a morte, que é o destino de todos (Kierkegaard, 2022a, p. 46).

Para o autor dinamarquês, segundo suas análises em *O Conceito de Angústia* e em *A Doença para a Morte*, o desafio do ser humano é o de aprender a lidar com a angústia sem instaurar o desequilíbrio da síntese mediante uma má-relação, o desespero pelo qual cada indivíduo é responsável. O indivíduo é constituído pelos elementos polares, significa dizer por questões existenciais de necessidade tais como, condições de nascimento, físicas, biológicas, contextos familiares, as próprias limitações do ambiente social. Entretanto, há no ser humano, como indeterminado, diferentes formas de possibilidades de experimentar sua liberdade em meio a essas condições determinantes que estão em sua volta. Ele pode esquivar-se, utilizando diversas razões, de fundamentar o seu si-mesmo. Basta que faça a conversão afastando-se da infinitude e da possibilidade. Como pode, da mesma forma, recusar os aspectos finitos e

determinados da vida. No exercício de uma “pseudo” liberdade, o ser humano pode convencer a si mesmo, agarrando-se à finitude e à necessidade, de modo que, a infinitude e a possibilidade sejam negadas. O desespero de não aceitar a infinitude e a possibilidade. De outro modo, o si-mesmo pode agarrar-se à finitude e à necessidade, tomando a possibilidade como inimiga. Nesta recusa, o sujeito busca negar essa polaridade que lhe constitui enquanto ser humano, isso implica estabelecer a devida síntese na relação, porque esse sujeito, que polariza erroneamente a existência, está a se confrontar e viver sempre uma má-relação de si mesmo.

Em *A Doença para Morte*, Kierkegaard afirma que o contrário de estar desesperado é ter fé; portanto, a fórmula que descreve um estado no qual não há absolutamente nada de desespero é a extirpação da má-relação, e esta é igualmente a fórmula para a fé: “ao relacionar-se a si mesmo e ao querer ser si mesmo, o si-mesmo se funda transparentemente no poder que o estabeleceu. Essa fórmula, por sua vez, como frequentemente se lembrou, é a definição de fé” (Kierkegaard, 2022a, p. 179).

### **Considerações finais**

Como ser de possibilidade (na medida que deve tornar-se si mesmo) e de necessidade (na medida que é ele mesmo), o si-mesmo é condição de sua liberdade, ou seja, na condição de sua liberdade, na correta relação, tendo pelo salto qualitativo superado a má-relação se relaciona com o poder que o estabeleceu, isto é, Deus. A fé é a condição paradoxal pela qual não se garante coisa alguma, mas que só pode ser compreendida na liberdade com Deus, que é o bom relacionamento da relação da possibilidade e da necessidade. A angústia está no campo da possibilidade de tornar-se si-mesmo, pois sua ontologia implica a constituição do *self* enquanto sujeito concreto que deve fundar seu ser no mundo com seriedade. O desespero é a má-relação. Mas está claro que, para o autor dinamarquês, a liberdade deve ser entendida como a necessidade da realização do si-mesmo. Nesse itinerário filosófico, a fé está como a recuperação do si-mesmo perdido na má-relação; dito de outro modo: a restauração do si-mesmo só pode ser pensada dentro do paradoxo. O que é paradoxal é, segundo Kierkegaard, Deus-homem, ou seja, a encarnação do verbo, portanto, pensamento, vontade, consciência, conhecimento são incapazes de recuperar o si-mesmo, apenas o paradoxo é capaz de realizar essa função, porque a liberdade é paradoxal diante da decisão.

O núcleo dessa exposição psicológico-cristão está em compreender que a doença para a morte é para a edificação e despertar do si-mesmo, que deve ser compreendido dentro do

paradoxo cristológico o amor (tu deves amar)<sup>16</sup>, o qual é a chave de interpretação para a superação do desespero.

Deve-se ressaltar que a relação não deve ser entendida como algo estável, como a síntese não é algo concluído, mas algo que está em processo de sintetização, assim, podemos falar de uma relação qualitativa, isto é, um processo qualitativo que acontece no salto da fé. O autor diz que angustiar-se é uma aventura pela qual todos têm de passar, que é preciso aprender a angustiar-se para que não se venha a perder-se na angústia, pois angustiar-se corretamente é o que há de mais elevado (Kierkegaard, 2022b, p.161). Fica claro que tanto a angústia como o desespero não possuem um objeto externo, não é como o medo, por exemplo, ambos estão no campo da interioridade, pois trata-se de algo subjetivo ao si-mesmo, que é interrogado de dentro de si-mesmo diante das possibilidades e da necessidade. Ao mesmo tempo, exige uma decisão que direcione a possibilidade de exercer a síntese, de tal forma, que as polaridades existenciais constituam de fato e concretamente o sujeito.

Nesse contexto, afirma-se que quanto mais profundamente o indivíduo se angustia, mais ser humano vem a ser. Segue-se a afirmação de Kierkegaard: a angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, e descobre todas as suas ilusões (Cf: Kierkegaard, 2022b, p. 161-162). Mediante a possibilidade que forma o ser humano enquanto si-mesmo é que podemos compreender o sujeito formado pela fé. Por fim, formado pelo silêncio da possibilidade da angústia, onde o sujeito está posto a ouvir a si mesmo em sua liberdade diante da liberdade-possibilidade, ele tem a capacidade de efetuar a sua existência de forma autêntica pela decisão da escolha de si-mesmo enquanto ser humano.

---

<sup>16</sup> Cf. *As Obras do Amor*, 2005.

## Referências

KIERKEGAARD, Soren. *A Doença para a Morte*. Trad. Jonas Roos. Petrópolis: Vozes, 2022a.

\_\_\_\_\_. *As Obras do Amor*. Trad. Álvaro Valls. Bragança Paulista: Ed. Univ. São Francisco, Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Migalhas Filosóficas*. Trad. Álvaro Valls, Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Conceito de Angústia*. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Conceito de Angústia*. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2022b.

\_\_\_\_\_. *Ou – Ou: um fragmento de Vida, segunda parte*. Trad. Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2017.

\_\_\_\_\_. *Pós-escritos às Migalhas Filosófica*. Vol I. Trad. Álvaro Valls Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. *Práticas do Cristianismo*. Tad. Paulo Abe. Londrina: Livraria Família Cristã, 2021.

ROOS, Jonas in. KIERKEGAARD, Soren. *A Doença para a Morte*. Petrópolis, 2022a.

VALLS, Álvaro in. KIERKEGAARD, Soren. *O Conceito de Angústia*. Petrópolis, 2022b.

Recebido em: 02/03/2024.

Aprovado em 13/06/2024.